

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD

SANDRA BOTTEGA

MULHER NO VOLANTE:
Entre o medo e a confiança

FLORIANÓPOLIS / 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

SANDRA BOTTEGA

MULHER NO VOLANTE:
Entre o medo e a confiança

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização EaD Gênero e Diversidade na
Escola. Disciplina: Metodologia de Pesquisa..

Orientadora: Prof. Dra. Suzana da Rosa Tolfo

FLORIANÓPOLIS / 2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bottega, Sandra

Mulher no Volante : Entre o medo e a confiança / Sandra
Bottega ; orientadora, Suzana da Rosa tolfo -
Florianópolis, SC, 2016.

39 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal
de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas. Curso de Genero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Medo de direção, Sociedade, Mulher condutora.. I.
tolfo, Suzana da Rosa. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Genero e Diversidade na Escola. III.
Título.

SANDRA BOTTEGA

MULHER NO VOLANTE: ENTRE O MEDO E A CONFIANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDIE)

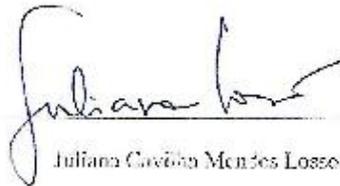
Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

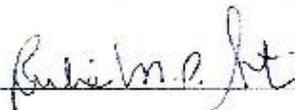


Olga Regina Ziggelli Garcia

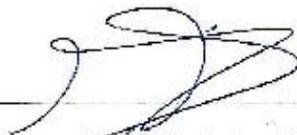
Banca Examinadora:



Juliana Cavênia Mendes Losse



Julia Mara Pegoraro Silvestri



Claudia Regina dos Anjos

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de fazer o curso.

Agradeço minha família, esposo, amigos, professores, tutores, a minha orientadora e todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a concluir esse trabalho; Todos que tiveram paciência comigo em momentos de tensão e empenho.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

O presente trabalho caracteriza o papel da mulher na sociedade e de que forma esse papel influencia no ato de aprender a dirigir, aborda também o medo da mulher ao volante e quais as possíveis causas das fobias. Além disso, como decorrência da atuação profissional atual da pesquisadora buscou identificar a efetividade de métodos adotados na autoescola para uma aprendizagem satisfatória, métodos esses que se diferenciam dos tradicionais de ensinar a dirigir e focados no medo apresentado pelas mulheres. Para alcançar os objetivos ocorreu a elaboração de um questionário com dez perguntas abertas voltadas as situações que impediam à condução eficaz de um automóvel, juntamente com isso houve um embasamento bibliográfico que permitiu uma análise perante as respostas obtidas destas mulheres que apresentaram barreiras significativas ao processo de condução veicular. A falta de preparo e as ações mecanizadas das autoescolas deixavam de lado o cunho emocional e afetivo que deveria fazer parte do processo de aprendizagem. O gênero influencia, ou seja, a mulher não é mais o sexo frágil, pelo contrário, cada vez mais ocupa lugar de destaque na sociedade, fazendo parte do desenvolvimento político-econômico-social. Entretanto, muitas vezes desenvolvem medo de dirigir devido as desqualificações que sofrem, por parte especialmente dos homens, quanto a sua capacidade de ser uma boa condutora. A caracterização de gênero foi algo marcante nesta pesquisa permitindo uma ampla reflexão perante as dimensões sociais que o homem e a mulher podem atingir numa determinada sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Medo de direção, Sociedade, Mulher condutora.

ABSTRACT

The present paper characterizes the role of women in society and how this role influences learning to drive, it also addresses the fear of women behind the wheel and the possible causes of phobias. In addition, as a result of the current professional activity of the researcher sought to identify the effectiveness of methods adopted in autoescuela for a satisfactory learning, methods that are different from traditional teaching and directed at the fear presented by women. In order to reach the objectives, a questionnaire was developed with ten open questions focused on the situations that prevented the effective driving of a car, together with a bibliographic basis that allowed an analysis of the answers obtained from these women who presented significant barriers to the process of Vehicle driving. The lack of preparation and the mechanized actions of the autoescuelas left aside the emotional and affective character that should be part of the learning process. The gender influences, that is, the woman is no longer the fragile sex, on the contrary, increasingly occupies prominent place in the society, being part of the politico-economic-social development. However, they often develop fear of driving because of the disqualifications they suffer, especially from men, as to their ability to be a good driver. The characterization of gender was something remarkable in this research allowing a broad reflection on the social dimensions that men and women can achieve in a given society.

KEYWORDS: Fear of leadership, Society, Conductive woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 OBJETIVOS.....	09
1.1 OBJETIVO GERAL.....	09
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	09
1.3 HIPÓTESES.....	09
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 MEDO: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA.....	13
2.2 TRÂNSITO E O MEDO DE DIRIGIR.....	20
2.3 QUE MULHER É ESSA QUE TEM MEDO?.....	24
3 O TRÂNSITO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	26
4 METODOLOGIA.....	31
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	38

INTRODUÇÃO

A mulher na sociedade geralmente é vista como o sexo frágil. Os estereótipos de gênero apontam predominantemente aspectos voltados à delicadeza, à postura de boa mulher perante a sociedade, porém os tempos passaram e mudaram, e, junto a isso as mulheres tentam encontrar "seu lugar ao sol". No entanto, não é tão simples romper com padrões pré-estabelecidos e enraizados na formação da mulher brasileira, isto porque ainda há uma postura muito forte de uma reputação a zelar, de ser sim o sexo frágil, de ser criada para obedecer, sem muitas vezes ter o direito de opinar ou fazê-lo sob pressão. O gênero é algo marcante, geralmente associado ao masculino e ao feminino, assim sendo, é comum a associação a uma luta feminista por direitos e deveres iguais.

Na primeira metade do século XX, Margareth Mead afirmava que cada sociedade humana usava a diferença sexual como argumento na constituição dos papéis sociais. [...] Ela estava, então, separando sexo – considerado como dado biológico -, do temperamento – definido pela cultura. (PEDRO, 2015, p. 117)

Essa separação ditada pelas sociedades fez com que fosse incutida uma mentalidade de que a mulher é o lado frágil, aquela que poderia ter vez e voz, acarretando em posturas muito submissas e sem opiniões formadas.

Pensa-se, então, que essa educação influenciou e influencia na prática de condutoras temerosas, pois a cobrança ainda é enorme em relação a um excelente desempenho, visto que se trata de mulheres realizando atividades predominantemente masculinas. Algumas atividades e brincadeiras, desde crianças, são tipicamente masculinas ou femininas. Às meninas são associadas atividades relacionadas aos cuidados com os outros e com a casa (como fogões e panelinhas), enquanto os meninos são expostos a brincadeiras com aventuras, como carros e direção, jogos e esportes. Diferenças como essas e vários fatores históricos e sociais contribuem para um repúdio de algumas mulheres ao ato de dirigir, até mesmo pânico ao volante.

O presente artigo surge do interesse da pesquisadora, em decorrência de trabalho com autoescola e observação de medos e inseguranças entre mulheres aprendizes de condução. Portanto, em sequência se explanará sobre tendências

de fobia ao volante relatadas por mulheres, e por que essas demoram tanto tempo, depois de uma certa idade, para tornarem-se “boas condutoras”. Assim, foi elaborado um questionário para verificar os motivos, as dúvidas frequentes em relação à direção, enfim, o que criou na mulher o medo de dirigir.

No desenvolver do trabalho serão apresentados os medos que afetam as mulheres quando o assunto é a direção do veículo para posteriormente responder ao objetivo deste trabalho.

1. OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar influências de gênero e histórico-sociais relacionadas ao medo de dirigir em mulheres condutoras

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Significar a importância que as mulheres atribuem ao ato de dirigir.
- Caracterizar o papel da mulher condutora que apresenta medo e fobias ao dirigir;
- Identificar inseguranças das mulheres no ato de dirigir;

1.3 HIPÓTESE

Pensa-se que as mulheres apresentam medo de dirigir por causa do preconceito masculino sempre presente na sociedade e que elas internalizam, além de se sentirem desqualificadas como condutoras, visto que os homens dominam as estradas brasileiras. As mulheres, então, estão aprendendo a dirigir por diferentes motivos, que serão abordados sequentemente.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Compreender os gêneros passa por vários conceitos desde a indagação do que seja masculino e feminino, do aprendizado destes que formam a identidade dos sujeitos; da sexualidade; do enfoque na violência contra a mulher; das discussões sobre as masculinidades, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder. Colocando-se em destaque que a mulher é subordinada sim e que isso ainda é visto como algo natural. Com as mudanças históricas percebe-se que as identidades não são fixas, mas transformáveis, além de serem várias e diversificadas. Assim, vai se gestando a concepção de gênero como pertencente às relações sociais entre os sujeitos e um modo de significar as relações de poder, assim vai se tentando refazer o papel da mulher na sociedade. De acordo com Moraes (2005) as relações de gênero têm relação com a questão da cidadania que busca enfrentar os problemas cotidianos da coletividade, da exploração, da miséria e da desigualdade social, sempre presente na formação social brasileira.

Apesar de os homens sofrerem mais acidentes automobilísticos, conforme dados do IBGE (2015), são as mulheres que mais frequentemente apresentam medo de dirigir. Muitas mulheres manifestam que desperta um verdadeiro pavor ao se imaginarem no volante de um veículo, mesmo sabendo que dirigir facilitaria muito sua rotina diária na realização de seus afazeres. Muitas vezes também o medo de dirigir não está ligado diretamente com o carro-objeto, pensa-se que possa estar ligado a uma construção histórica de vida e modos de subjetivar que envolva crenças centrais de amparo e a consequente auto percepção de uma incapacidade, que as levam a desistir, muitas vezes. Existe ainda uma visão distorcida do carro que é compreendido como algo excessivamente perigoso, ameaçador e suscetível a causar tragédias.

O caráter social do conceito gênero não se refere às construções dos papéis sociais de masculino e feminino, pois esses papéis são aprendidos nas relações pessoais dos indivíduos e das regras definidas pela sociedade em que se inserem, sendo que esse aprendizado determina o comportamento adequado a cada um e as relações de poder e hierarquia entre os gêneros. Apesar dessas determinações, diferentes formas de masculino e feminino podem ocorrer (LOURO, p. 63, 1997).

As transformações sociais ditam outras tendências de família e, logo, o papel da mulher também é modificado. Há mulheres que chefiam a casa, ou seja, são elas que possibilitam o sustento da família enquanto o homem fica em casa nos afazeres domésticos, muitas vezes, mas nem sempre foi assim, como mostra Moreira (2006, p.33),

Depois da revolução industrial, que circunscreveu cada vez mais homens e mulheres a determinados papéis. Para as mulheres o mundo privado, para os homens o domínio da vida pública. As crenças básicas desse modelo são: a visão de que o fato de ser homem ou mulher se associa – naturalmente - com algumas atividades, potencialidades, limitações e atitudes; a valorização diferenciada das atividades identificadas como masculinas ou femininas; valorização diferenciada de uma mesma atividade, atitude ou comportamento dependendo se o sujeito é homem ou mulher.

Nas últimas décadas muitas grandes transformações aconteceram na sociedade, uma delas foi a entrada das mulheres no mercado de trabalho e com uma participação mais ativa em praticamente todos os segmentos sociais. E por isso nesse novo contexto muitas vezes a mulher precisa enfrentar uma dupla ou até tripla jornada de trabalho. Mas quando a mulher dirige tudo isso é facilitado, pois pode ajudar na realização de suas tarefas. Por muitas vezes o ato de dirigir era considerado ou tido como uma atribuição masculina, mas nos dias de hoje é uma questão de necessidade.

Desde o final dos anos 40, as mulheres de todo o mundo vêm ingressando em massa em um mercado de trabalho em constante mudança” e que se revela cada vez mais seletivo. “A mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar comandante dela em algumas situações. (DIEESE, 1997, p. 21)

Desta forma, propõe-se analisar e refletir sobre causas do medo de dirigir em mulheres, ficando atento para os significados que estas atribuem ao carro e ao ato de dirigir. Objetiva-se também avaliar a influência de aspectos históricos -culturais no aparecimento e manutenção do medo de dirigir, bem como identificar características que predominam

Conforme Corassa (2006) a origem do medo de dirigir está nos motivos particulares de cada pessoa, e que pode se manifestar em diversos níveis, de forma mais leve ou mais intensa, dependendo das influências históricas, sociais e psíquicas ou subjetivas. Assim para um diagnóstico preciso, muitas coisas precisam ser analisadas para um tratamento adequado do medo de dirigir. É necessário além de tratar de uma fobia específica ficar atento a diversidade de psicopatologias que podem ser a base desse problema, e principalmente as crenças pessoais que podem estar envolvidas.

De acordo com Ross (1995) a construção histórica - cultural da diferença de gênero e dos papéis sociais de homens e mulheres ainda repercute na sociedade atual, trazendo prejuízos para muitas mulheres em diversas áreas de sua vida. Por muito tempo a mulher vem recebendo culturalmente a informação de que é o sexo frágil, dependente e por isso mesmo encantadora e desejada pelos homens, que são “fortes” e protetores. Dessa forma a mulher associa, “ideias de fragilidade”, dependência e romance em oposição as ideias de força, independência ou individualidade.

2.1 MEDO: DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA

O medo é um sentimento universal: todos sentem. Seligman (1977) demonstra ser uma emoção primária (inata) do ser humano, necessária para proteção e perpetuação da espécie. Está incrustada em nosso DNA e faz parte da nossa existência. Sua abrangência vai desde a decisão de lutar ou fugir até o acúmulo traiçoeiro que deságua no estresse e na ansiedade, levando ao esgotamento físico e mental. Como visto, um estímulo que desperte o medo é capaz de, em frações de segundos, munir o corpo inteiro de adrenalina e prepará-lo para uma rápida reação física. Segundo Elia (2013, p. 43) todos sentem e têm medo, ou seja,

Aquele que não tem medo, mesmo que lá no íntimo, atire a primeira pedra! Esta afirmativa se dá por sermos seres humanos, passíveis desses sentimentos e emoções, existe uma infinidade de fatores

desencadeantes do medo, que podem acometer pessoas em todas as faixas etárias, podem ser passageiros, assim como tornar-se psicopatológicos.

As circunstâncias da vida, às vezes, fazem com que as ações desejadas não sejam realizadas, o que acaba por criar barreiras que imobilizam sonhos e planos. Uns afirmam que isso é psicológico ou, até mesmo, tem origem os aspectos históricos e sociais que influenciam para tal situação, no entanto, percebe-se que as pessoas ficam vulneráveis a essas circunstâncias. O medo é capaz de fazer com que o outro se isole, que o outro se sinta cada vez mais inferior, levando-o até mesmo a uma depressão e, muitas vezes, à morte.

É comum no ser humano, ao sentir medo, fugir para evitar sofrimento, tomando atitudes que não tem nada a ver com nosso instinto de sobrevivência e desejos. Ao fugir do medo, adota-se comportamentos ou atitude de autoproteção. Pode-se aqui concordar que o medo paralisa o processo de racionalização do ser humano, interferindo no funcionamento fisiológico do corpo humano, por isso ao sentir medo não se consegue raciocinar de forma adequada.

O medo faz parte disso, e ele é capaz de criar bloqueios intensos em ações tidas como simples e básicas, por exemplo o ato de dirigir. Não que esse seja por todo algo simples, mas tornou-se uma ação cotidiana e fundamental para o indivíduo. Aprender a dirigir, em alguns casos, torna-se um transtorno imenso, visto que envolve procedimentos técnicos misturados aos psicológicos. Assim sendo, pensa-se que as mulheres ficam mais a mercê das dificuldades e barreiras presenciadas no processo de direção devido essa cultura de que a mulher não sabe “lutar” contra esse medo, já o homem sabe lutar contra esse medo.

Hoje percebemos melhor que as representações acerca do corpo feminino foram fundamentais para a manutenção do poder entre homens. Diferentemente da fragilidade e passividade atribuídas às mulheres, o masculino foi definido pela força, domínio, autocontrole e violência. (SILVA, 2015, p. 46)

O medo é inerente aos homens e as mulheres, todos podem e devem sentir medo. No entanto, a cultura internalizada na sociedade cria uma visão errônea de que a mulher se deixa influenciar pelo medo, acarretando em comportamentos fragilizados. Já o homem, segundo Morgan (1999) “passa a ser notado como o processo de masculinização de Cristo”, ou seja, um perfil másculo no qual o medo não faz parte.

O dicionário Aurélio (2010) apresenta o termo fobia como um receio patológico persistente, ou seja, é o temor causado pela presença (ou antecipação) de determinado objetivo ou situação como, baratas, borboletas, cães, viajar de avião, receber uma injeção, ver sangue ou dirigir um automóvel.

Diferente de outros quadros de ansiedade, como síndrome do pânico, por exemplo, hoje muito estudado e tão discutida em diferentes meios de comunicação, as fobias específicas são pouco conhecidas. Poucas pessoas procuram tratamento, pois acham muitas vezes sem importância essas coisas consideradas normais no nosso dia a dia e muitas, de difícil tratamento.

Uma pessoa com fobia ou medo de dirigir enfrentará vários problemas na sua vida, pois o trânsito está presente no nosso dia a dia e faz parte do nosso cotidiano, não tem como fugir dele, pois como motorista ou como pedestre temos que enfrentá-lo. E muitas vezes isso pode atingir a autoestima do fóbico pois ocorre várias situações em que ele terá a oportunidade de dirigir com um carro a sua frente mas não terá coragem, e começa a inventar e criar desculpas para adiar a tentativa. Diferente por exemplo de alguém que tem fobia de cobra, mas mora na cidade, dificilmente vai encontrar cobras na cidade.

Mas a sociedade em que vivemos é muito cruel com o fóbico de volante, julgando-o e o ridicularizando, acusando-o de fraqueza, frescura ou incompetência, já que para muitos o aprendizado uma habilidade motora (como é o dirigir) é algo simples e natural, ficando inconcebível para eles entender que indivíduos não dirigem por terem medo. Fica implícito, portanto, que o medo de dirigir está ligado a incapacidade de aprender. Nada disso!! O medo de dirigir como qualquer fobia é um transtorno psicológico e como tal pode e deve ser tratado. (Rojas, 1997, p.36). O mais importante de tudo é a pessoa com esse problema admitir diante dos outros e de si mesmo para poder dar o primeiro

passo. É bom saber também que esse tipo de fobia atinge pessoas do mundo todo. O bom é que se medite sobre ele e aceitá-lo é o começo para um bom desenvolvimento. Negá-lo, portanto, tornará ainda mais forte.

De um modo genérico, deixando de lado, por enquanto, subdivisões ou classificações mais específicas, chamamos a este medo exagerado ou desproporcional de fobia. Existem inúmeros tipos de fobias, normalmente as fobias são ligadas a atividades absolutamente normais e corriqueiras para a maioria das pessoas e que se torna uma desagradável realidade da incompreensão que o fóbico em geral enfrenta.

É importante observar que o medo, ou fobia de dirigir tem algumas características extremamente peculiares, ou seja, características que não vemos em outros tipos de medo. O medo de dirigir, aponta Bellina (2005) pode ter diferentes vertentes ou estímulos, uma vez que dirigir é uma atividade múltipla e que envolve uma enorme , gama de comportamentos. Desta forma há pessoas cujo medo refere-se especificamente à possibilidade da perda de controle da máquina, para outras o que causa ansiedade é atropelar alguém, passar por tuneis, viadutos e pontes. Há ainda, o fator da exposição que pode fazer a pessoa apresentar os medos de ser observada, criticada ou de dar vexame.

Dirigir é um comportamento aprendido, que envolve habilidades motoras. Para que esse comportamento se torne automático é necessário que a pessoa que esteja voltando a dirigir ou mesmo começando a fazê-lo, exercite esta nova habilidade enfrentando o trânsito-real.

Enfrentar o trânsito real gera, nos fóbicos de volante, um serie de preocupações. Estar exposto à observação e crítica dos outros é uma situação que incomoda muitas pessoas. Além disso, parte dos motoristas e pedestres que está nas ruas sente-se no direito de avaliar e julgar a atuação dos outros, sendo estes novatos ou experientes no volante.

Dirigir, então, é um aprendizado que deve ser desenvolvido diante das condições reais, enfrentando o transito e todas as situações que ocorrem no dia-a-dia de uma cidade.

Segundo Elia (2013) outro aspecto próprio da fobia de dirigir é o fato de que o indivíduo é responsável pela condução do objeto que lhe causa medo. Sendo assim, tomado pela ansiedade própria deste problema, este indivíduo perde as condições necessárias para o desempenho do comportamento de dirigir. Um dos aspectos importantes do tratamento é levar o fóbico para dirigir em ambiente real. Ao proporcionar tal situação para o indivíduo, vemos, aos poucos, o aumento das habilidades motoras e, conseqüentemente, a diminuição da ansiedade.

Para Hayes, Strosahl e Wilson (1999), o ser humano é o único organismo que tem “fobia”, pois só ele tem a capacidade de utilizar suas habilidades cognitivas para remoer os erros e infortúnios do passado, julgar exageradamente o presente, e temer incertezas do futuro, enquanto que outros organismos simplesmente vivem no presente, reagindo a seu ambiente. Para Silva (2011) o medo é um estado emocional que serve em resposta a consciência perante uma situação de eventual perigo. A ideia de que algo ou alguma coisa possa ameaçar nossa segurança ou a vida de alguém faz com que o cérebro ative involuntariamente uma série de compostos químicos que provocam reações que caracterizam o medo.

Por outro lado, o medo também ocasiona uma reflexão perante os fatos. Há uma postura de mais zelo ao se fazer uma ação ou ter uma decisão imediata. O medo cria uma percepção mais profunda das ações, permitindo que a reflexão leve ao crescimento pessoal. Por esse ponto de vista, o medo até ocasiona o crescimento, pois a pessoa sente-se mais segura para fazer ou não fazer uma ação. É a partir do controle desse sintoma que o indivíduo terá “ferramentas” para lidar com o novo ou o inesperado, permitindo a sua evolução de forma racional.

O medo, segundo Bellina (2005), é muito útil para a sobrevivência das espécies, pois sem ele organismos poderiam se engajar em comportamentos que poderiam ir contra sua autoproteção e autopreservação, diminuindo assim as chances de sobrevivência e propagação da espécie. No entanto, quando o medo é visto como uma síndrome fica quase impossível realizar ações como pensar, falar, demonstrar sentimentos e, também, dirigir. O medo faz com que o

batimento cardíaco aumente, a respiração acelere, ocasionando uma sensação de alerta, uma sensação de incapacidade paralizadora.

O medo, geralmente, é ocasionado por algum estímulo, e se desencadeia a partir da ideia em relação a algo que seja desagradável. Existem diversos tipos e níveis de medo, que pode ir desde uma ligeira ansiedade ou desconforto até o pavor total. Quando o medo passa a ser patológico, ou seja, afeta profundamente um indivíduo a nível físico, psicológico e social, os psicólogos podem diagnosticar a pessoa como portadora de uma fobia. O Medo e ansiedade são duas faces da mesma moeda. A psicóloga Regiane Garcia (2012) alerta que quando o medo paralisa a pessoa a ponto de não conseguir enfrenta-lo é preciso trata-lo. A Revista Superinteressante, em Abril de 2014 fez uma matéria sobre o medo onde afirma que

A psicanálise e diversas outras terapias também têm se mostrado eficientes para lidar com o medo e a ansiedade. O sucesso não depende da linha terapêutica em si, até porque tudo depende da relação entre o terapeuta e o paciente. Mas existe uma condição básica para que uma terapia dê certo. "O bom atendimento é aquele que não se limita a combater os sintomas. É o que procura entender a causa do problema no cotidiano de cada pessoa", diz o psicólogo Luís Fernando Saraiva. Faz sentido: você pode tomar calmantes para dormir. Mas se não entender o que está tirando seu sono, pouco adianta. (SUPERINTERESSANTE, 2014)

É fundamental que os portadores de qualquer tipo de fobia entendam que se esquivar de situações que lhes causem ansiedade é um tremendo equívoco, talvez o maior de todos os enganos que os fóbicos possam cometer contra si mesmos faz-se necessário reavaliar maneira como você vê, pensa e experimenta o mundo. A única regra a ser seguida para a superação das fobias é o enfrentamento. Enfrentar o medo é ter a certeza de que ele jamais se tornará algo maior do que a pessoa.

É preciso romper barreiras e permitir-se ir além daquilo que se sente. Assim, em muitos casos, é preciso a ajuda de um especialista. Psicólogos e psicanalistas são profissionais adequados para auxiliar na compreensão e superação dessa patologia e, ainda, apontam caminhos seguros e eficazes para amenizar e resolver esses dilemas de fobia, permitindo que isso seja superado.

Às vezes, uma simples sessão faz com que o outro perceba o quão simples é resolver tal situação, em outros casos, se faz necessário um acompanhamento mais profundo da situação e também ações focadas diretamente no problema. Ou seja, se o medo é de dirigir levar essa pessoa a praticar a direção até perceber onde, exatamente, está localizado esse medo.

O medo faz com que o carro torne-se algo complexo ao ponto de nem saber ligá-lo, ou faz com que se pense que a pessoa seja incapaz de manuseá-la porque seja inferior socialmente perante os homens, por exemplo. De acordo com Caló (2005) a fobia de dirigir é caracterizada como uma ansiedade ou medo intenso com reações físicas como tremores, sudorese, dores nos braços e pernas, taquicardia e boca seca. Ele exemplifica todos estes sintomas diante da possibilidade ou do ato dirigir. E depois de uma ou mais experiências como estas, a tendência é da pessoa se esquivar de vez.

Corassa (2000) define a fobia como um medo acentuado, desmedido na previsão ou na presença de um objeto, ou também, situação que causa ansiedade, onde esta atinja um grau elevadíssimo, no caso de dirigir um automóvel ou só de pensar em chegar perto dele. Evitar ao máximo se deparar com a situação ou com o objeto que lhe causa ansiedade em grau tão elevado é uma característica dos fóbicos. Eles preferem subir escadas a andar de elevador ou fazer longas viagens de ônibus ou de carro para não entrar num avião. Com relação a dirigir um carro, o que atormenta um fóbico na direção é a fobia social, que corresponde ao medo da desaprovação do outro, ao medo de errar. As mulheres são especialmente afetadas a isso, preocupam-se excessivamente com a opinião dos outros e acabam deixando-se serem julgadas por seus atos.

Corassa (2000) em seu estudo aponta que as pessoas mais atingidas com a fobia ou medo de dirigir em sua maioria são mulheres entre 30 e 45 anos de idade. E quase todas têm vida profissional ativa, e ainda administram a casa. Deixa também claro que qualquer pessoa, independente da profissão, pode sentir medo de dirigir.

Enfim, além das questões apresentadas acima, sendo as prováveis causas do medo de dirigir em mulheres, podemos citar outro fator que contribui para aumentar mais ainda o medo. Este fator estaria relacionado à questão

histórico-cultural, como os jargões preconceituosos: “sai da frente dona Maria! Vai pilotar fogão!”, “só podia ser mulher mesmo” e “mulher no volante, perigo constante”. É comum mulheres ouvirem essas frases preconceituosas todos os dias enquanto dirigem, o que faz pensar sobre o espaço feminino no trânsito aos poucos conquistado. Não se trata exclusivamente de um reduto masculino, mas um local onde todos possam dirigir em pé de igualdade e o respeito sendo a chave principal para a conquista deste espaço.

2.2 TRÂNSITO E O MEDO DE DIRIGIR

As pessoas recém-habilitadas, na maioria, têm medo de dirigir. Até certo ponto isso é bom, pois ocasiona uma atenção a mais às ações realizadas ao volante. No entanto, quando isso se torna algo dramático é preciso rever algumas posturas e redefinir as ações, para que não haja uma mistura de segurança demais com pânico ao volante. O medo ocasiona um desmerecimento ao ato de dirigir, como se a pessoas nunca fossem capazes de lidar com uma dificuldade no trânsito, como se ela fosse apenas treinada para ligar e desligar o carro. Desse modo, há um bloqueio quando a pessoa é colocada em situações corriqueiras do trânsito como uma fila enorme, como um acidente a sua frente ou uma ultrapassagem mais arriscada.

Até certo tempo as mulheres não tinham interesse em aprender a dirigir, pois algumas pensavam que isso era coisa para homem. Mas com o passar dos tempos elas perceberam que também tinham condições e as necessidades impostas pela sociedade fizeram com que elas percebessem que também eram capazes.

O medo de dirigir tem características bem peculiares, como explica Bellina (2009):

Primeiramente, o medo de dirigir pode ter diferentes vertentes ou estímulos, uma vez que dirigir é uma atividade múltipla e que envolve uma enorme gama de comportamentos. Dessa forma, há pessoas cujo medo refere-se especificamente à possibilidade da perda do controle da máquina, para outras o que causa ansiedade é atropelar alguém, passar por túneis ou viadutos. Há, ainda, o fator da exposição que pode fazer a pessoa apresentar os medos de ser observada, criticada ou dar vexame. (BELLINA, 2009)

Os recém-habilitados agem como se isso tudo não fosse da realidade de um motorista. Uma das possíveis desculpas é porque nas autoescolas não foram treinados para tais situações, ou o pânico em tais situações é tamanho que o raciocínio falha, ocasionando os “vexames” no trânsito. As mulheres, ao que parece, ficam mais a mercê dessas situações e criaram mais rapidamente um bloqueio ao repetir a ação de tentar dirigir, desistindo de conduzir seus automóveis ou rompendo com o sonho de ter seu próprio carro.

De acordo com a psicóloga Regiane Garcia Rodrigues (2012), a ciência define a aversão ao volante de duas formas: Uma delas é a insegurança causada diante da sensação de independência ao conduzir um automóvel. A outra é a consciência de um trauma especialmente decorrente de algum acidente de trânsito gravado na memória. O medo de dirigir é na verdade o medo da própria vida, considera Regiane. Segundo a especialista, tanto homens quanto mulheres podem manifestar medos à direção. No entanto, são as mulheres que sofrem com esse tipo de pavor.

Algumas aprenderam com muita facilidade, todavia, o maior número de aversão ao volante ainda é feminino. O medo de dirigir pode esconder muitas outras inseguranças e por causa disso a dificuldade para superar o problema é ainda maior. Dessa forma começaram a surgir empresas especializadas em romper o pânico à direção, na qual o foco era “descobrir” o que estava realmente ocasionando o medo no ato de dirigir.

Estas pessoas precisam desbloquear o medo. Precisam ter o tempo delas para criar este espaço, esta “trilha” referente ao carro. Então é preciso ter paciência com elas, compreendê-las e apoiá-las. Elas tem uma capacidade intelectual muito boa, estão acostumadas a resolver coisas complexas. Porém o medo produz o bloqueio e elas não conseguem ver o quanto é simples dirigir. Simples no sentido da repetição dos movimentos, pois para elas é o que há de maior sofrimento. (BELINA, 2005, p. 49)

As empresas, então, buscam as possíveis razões para o medo: será que é falta de confiança? Será que é falta de conhecimento em relação ao carro que irá dirigir? Será que você tem vergonha de errar e os outros rirem?

As empresas para habilitados com fobia ao volante afirmam que praticar é a melhor forma de perder o medo, mas para isso precisa de muita determinação, precisa querer, começar aos poucos. O primeiro passo para superar é acreditar na sua capacidade, ter confiança no dia a dia e em cada aula praticada perceber o domínio da máquina, e a máquina nem sempre é o carro, mas o cérebro. Esse é fundamental estar sendo desenvolvido constantemente, pois ele alimentará suas expectativas e lhe dará o impulso necessário para novas aprendizagens. A psicóloga Neuza Corrassa (2000), aponta algumas causas do medo de direção, e essas estão relacionadas às questões histórico-sociais:

- a) **A direção masculina:** você sabe que a direção da casa, da família, dos negócios sempre esteve nas mãos dos homens.
- b) **Modelos:** se a pessoa tem mais de 30 anos, os modelos de pessoas dirigindo, na infância, são de figuras masculinas, e na maioria das vezes representando certo poder, atrelado ao carro.
- c) **Presentes:** carrinhos x bonecas. Meninos brincam com carrinhos e meninas brincam com bonecas. Não é errado apenas as brincadeiras infantis reforçarem os papéis estereotipados da mulher e do homem na sociedade. Ao brincar com carrinho, o menino naturalmente entende o ato de dirigir e sente que o carro é dele. Para a menina que brinca com bonecas a mensagem recebida é que, quando crescer, ela vai cuidar da casa e dos filhos.

Há também o medo internalizado, daquelas mulheres que não se aceitam como motoristas por sempre se sentirem inferiores aos homens, ou seja, o elevado grau de exigência pessoal a impede de se sentir aprovada, chega a pensar que o teste foi facilitado por foram mulheres que o fizeram.

Normalmente, imagina-se que alguém apresente fobia de dirigir porque não domina o carro. Isso pode ser em parte verdadeiro, mas não é tudo. O que atormenta o fóbico da direção é a fobia social, que corresponde ao medo da desaprovação do outro. Ele não permite o treino que resultará no domínio da máquina.

Estas pessoas precisam desbloquear o medo. Precisam ter o tempo delas para criar esta condição; então é preciso ter paciência com elas, compreendê-las e apoiá-las. Elas podem ter uma capacidade intelectual muito boa, estão acostumadas a resolver coisas complexas. Porém, o medo produz o bloqueio e

elas não conseguem ver o quanto pode ser simples dirigir. Simples na repetição do movimento, mas como dirigir não se resume a tanto, pode ser fonte de sofrimento.

Ross (1995) descreve que muitas vezes a própria pessoa poderia ter capacidade de constatar que seus medos, no caso, em relação à direção, são irracionais e que realmente não influenciam em nada para uma ameaça efetiva ou perigo real. Corassa (2006) sobressalta ainda que o medo nada mais é do que uma emoção, e que sua função seria de um sinalizador que nos faria precaver contra perigos de fato reais.

Riscado (2012) aponta dentro da perspectiva hegemônica do gênero masculino, que ser homem é ser viril, não sentir dor, não aceitar medo, enfrentar desafios, ser impetuoso, e outras representações identitárias que irão colocar o homem numa esfera patriarcal, de poderio, supremacia diante de outros contingentes, sejam as masculinidades alternativas, seja diante da feminilidade.

Para a mulher cabe tornar-se um ser mais subserviente, submisso, isto quer dizer, que a feminidade passa pela docilidade, o recato e outras. Segundo Riscado (2012) a questão da hegemonia de gênero masculino e feminino é construída sócio-culturalmente e esses valores atribuídos irão nortear comportamentos expressivos tanto para os homens quanto para as mulheres.

O Movimento Feminista desde 1960 vem tentando paulatinamente quebrar essa hegemonia que engessa os seres humanos. As mulheres saíram para o mercado de trabalho enquanto movimento de emancipação e, assim, outros movimentos emancipatórios foram acontecendo, mas que concomitantemente passaram a exigir da mulher posicionamentos para dar conta de jornadas de trabalho, como por exemplo, dirigir veículos automotores que contribuem para as locomoções rápidas, domésticas.

Sendo assim, as mulheres de hoje deram um grande salto em relação às da geração passadas. Se antes o homem era o chefe da casa, o único a dar as ordens, hoje às mulheres têm que dar conta de dupla, tripla, várias jornadas ao mesmo tempo, como desempenhar o papel de mãe, esposa, excelente profissional e ainda dirigir.

O ser humano é fruto de uma educação familiar e do meio ao qual está inserido, com costumes, regras sociais e culturais. Geralmente tudo que os pais dizem é absorvido pelas crianças, e eles incutem uma série de medos sem

sentido, na maioria das vezes, como forma de “educar” ou de “subjugar”. Sem perceber estão colaborando para o desenvolvimento de personalidade insegura em seus filhos, o que poderá ocasionar uma auto-estima baixa e levar a criação e manutenção dos medos.

2.3 QUE MULHER É ESSA QUE TEM MEDO?

Já é sabido que o comportamento da mulher é fruto de uma concepção plenamente masculina, que a coloca como ser inferior perante seus direitos e deveres, é como se a mulher não precisasse ter direitos e devesse apenas ter deveres. No entanto, as transformações sociais, pautadas nas lutas por liberdade, igualdade e fraternidade, a tão conhecida Revolução Francesa, ocorrida por volta de 1700, iniciou um processo de reavivamento das classes, ou seja, foi um período onde todos deveriam ter e ser respeitados fosse quem fossem, a liberdade, a igualdade e a fraternidade ainda hoje em dia são buscadas com afinco

Essa mulher que demonstra medos, fobias e limitações quer a igualdade de gênero que a cultura masculina foi impondo como algo desnecessário; querem romper com uma estrutura social assimétrica, na qual a diferença entre as pessoas ainda é gritante, seja pelo gênero, seja pela raça, seja por questões econômicas.

Não há como negar que a visão feminista rompeu com ações preconceituosas ao longo da história, possibilitando que mulheres também tivessem acesso à leitura, a cargos importantes, deixando de lado a cultura inculcada de que à mulher era apenas permitido os afazeres domésticos.

A vida da mulher da “casa-grande” é bastante conhecida. [...] Sua função única de procriadora não exigia mais de sua educação do que o domínio das artes domésticas. São comuns as crônicas dos viajantes, relatando a ignorância das mulheres brancas brasileiras. Raramente sabiam ler [...]. (ALVES, 1980, p.86)

Essa mulher que apresenta medos, entre outras situações está tentando ter seu lugar social, negado a ela desde sempre. Não importa se essa mulher seja negra, branca, pobre, o que importa é a igualdade de gênero, a igualdade que todo ser humano deveria ter.

Romper com padrões pré-estabelecidos é algo complicado, envolve questões culturais muito enraizadas socialmente e isso faz com que as mulheres, nesse caso, sintam-se, ainda inferiores e suas vontades de romper com tais padrões sejam vistas como rebeldia ou vontades passageiras. Garcia (2015) compartilha desta ideia quando fala que

As falas das mulheres indicam que elas ainda têm dificuldades em se comunicar sobre sexualidade, na medida em que internalizaram os (pré) conceitos de “boa moça” que incluem modelos de feminilidade e papéis sexuais reconhecidos em nossa cultura como passividade e respeito ao desejo masculino.

No entanto, essas mulheres vêm lutando contra isso com as suas mudanças de comportamento; deixando em segundo plano o sexo frágil e tentando mostrar em primeiro plano a capacidade de ir além dos afazeres domésticos; quando isso ocorre é recompensador, mas ainda assim, há sempre uma “desconfiança”, pois a cultura masculina ainda é predominante.

Dessa forma, a mulher procura meios e métodos para ir além, sempre objetivando seu espaço social, sempre tentando mostrar que também é capaz. No entanto, a questão afetiva, fruto do passado do qual a postura feminina foi formada impede, muitas vezes, de ter êxito na primeira tentativa; a afetividade faz com que a mulher apresente as tais fobias, os tais medos e deixe seus “sonhos” escondidos por detrás disso.

Entretanto, os variados estudos e pesquisas, bem como as novas correntes sociológicas vêm mostrando e permitindo à mulher seu espaço e sua igualdade perante as mais diversificadas atividades sociais. A mulher que sente medos, fobias também sente a necessidade de romper com os padrões impostos e criar novos paradigmas, pautados em concepções mais humanizadas e vinculadas à modernização da sociedade.

A ética emancipatória dos direitos humanos demanda transformação social, a fim de que cada pessoa possa exercer, em sua plenitude, suas potencialidades, sem violência e discriminação. É a ética que vê no outro um ser merecedor de igual consideração e profundo respeito, dotado do direito de desenvolver as potencialidades humanas, de forma livre, autônoma e plena. Enquanto um construído histórico, os direitos humanos não traduzem uma história linear, não compõem uma marcha triunfal, nem tão pouco uma causa perdida. (PIOVESAN, 2015, p.47)

Já não é mais admissível que atitudes pautadas em preconceitos ditem o que é adequado ou não. A mulher tratada nesse trabalho ainda traz resquícios de uma história masculinizada, porém também traz consigo a possibilidade de se igualar, como ser humano que é; e tal igualdade não servirá para atingir um status maior na sociedade, pelo contrário, a igualdade servirá apenas para confirmar que todos têm direitos e deveres, todos são cidadãos dentro de suas diferenças.

3. O TRÂNSITO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O meio de locomoção mais antigo e rudimentar é o próprio ato de caminhar. Depois disso, algumas invenções permitiram o deslocamento mais fácil e rápido, como a roda, trenó, canoa, etc. Os veículos destinavam-se apenas ao transporte de bens, depois passaram a ser usados para transportar o homem e seus pertences, e, por último, foram desenvolvidos os veículos para transporte exclusivos de pessoas. Além dos meios de locomoção, melhorar as estradas foi fundamental.

Os romanos foram considerados os grandes peritos em construção de estradas. Possuíam uma extensa rede viária com mais de 350.000 km de estradas sem pavimentação e já tinham sinalizações, marcos quilométricos, indicadores de sentido e as primeiras regulamentações de tráfego.

Os primeiros relatos de congestionamentos apareceram na Grécia Antiga. Eram comuns as reclamações de como a largura das ruas eram insuficiente para o número de pessoas e veículos e que alargá-las seria inútil, uma vez que o volume de tráfego tenderia a crescer.

Assim, na atualidade, principalmente brasileira, dirigir é um ato de extremo risco e embora possa parecer até exagero, quem enfrenta todos os dias o trânsito no Brasil sabe o que isso é uma realidade. Apesar de se ter um código de trânsito, com leis pré determinadas e aprovadas, por todas as instâncias responsáveis, e por mais que se tente seguir a risca todas as leis e regras do trânsito.

Infelizmente verdadeiras “máfias”, se formam dentro dos Detrans, de todo o País, onde a corrupção impera, e por mais que se tente acabar, com esse tipo de prática, sempre após certo tempo, outros da mesma espécie chegam, e

começa tudo de novo. Já às pessoas que desejam retirar a sua CNH cometem atos ilegais, ao passo de aceitarem a pagar terceiros para facilitar determinadas ações burocráticas; são tratados de forma mais prazerosa, quanto maior for o poder aquisitivo do candidato, menos provas e burocracia ele terá de enfrentar barreiras significativas, contribuindo, assim, para a formação de um futuro motorista leigo, no tocante as regras e as leis de trânsito, formando e colocando nas ruas e estradas do país pessoas incapazes de lidar com o inesperado.

Os relatos feitos pelos órgãos públicos, referentes ao crescente número de acidentes, causados pela imprudência de algum motorista, ou pela irresponsabilidade ao volante, em estado de embriaguez ou utilizando aparelho celular. O número crescente de vítimas inocentes no trânsito chega a proporções alarmantes, ocasionando um repensar sobre o que as autoridades devem fazer para modificar tal situação.

Os dados se tornam mais alarmantes ainda, quando adicionamos a tudo isso a imprudência e a falta de noção dos condutores dos veículos ciclomotores, que fazem ultrapassagens de formas irresponsáveis e criminosas, colocando, de forma real, em risco a vida dos pedestres, dos outros condutores de veículos, e até a sua própria. Como se não bastassem todos esses problemas, ainda enfrentamos enormes engarrafamentos, em determinados horários de pico. Aliado a isso tudo, há aquelas pessoas que dirigem com medo, ou até mesmo pânico, ajudando ainda mais para aumentar o índice de acidentes; o medo é capaz de tornar um motorista habilitado tão perigoso quanto um motorista alcoolizado. E dentro dessa realidade a mulher que quer ser motorista está inserida, tentando romper com seus medos próprios e os assimilando às dificuldades do trânsito, nesse caso, o brasileiro.

A mulher sempre foi "figurinha fácil" de críticas em relação à direção, no entanto, rompendo com essas barreiras gradativamente. O pioneirismo da mulher no trânsito iniciou-se com Maria José Pereira Barbosa Lima e Rosa Helena Schorling, que revelam que aprenderam a dirigir muito cedo, aos 12 anos, no automóvel de seu pai, um Opel 1895, com direção do lado direito e câmbio e freio do lado de fora.

Essa relação da mulher com o automóvel só aconteceu porque as primeiras mulheres conseguiram enfrentar mitos e preconceitos. “Esta transição se dá no final do século XIX, iniciando na Europa e conquistando adeptas nos

Estados Unidos. No início do século XX muitas mulheres se sentiram motivadas e encorajadas a aventurar-se sobre quatro rodas, tanto nas competições como percursos de longa distância, provando que resistência aliada à eficiência traz resultados positivos para as mulheres condutoras, porém os preconceitos eram constantes. (BELLINA, p. 49, 2005)

Antigamente dirigir era visto como uma atividade mais masculina, porém, com o tempo, tornou-se uma necessidade para todos nós e, principalmente, às mulheres que, muitas vezes, tem uma tripla jornada. Por isso é muito importante saber dirigir, uma pessoa que não dirige com certeza leva uma vida mais limitada. E as mulheres são as mais atingidas quando o assunto é aprender a dirigir, visto que muitas vão aprender já com uma certa idade e isso dificulta o aprendizado, pois quanto mais cedo começar a ter o contato com o veículo, antes vai dominar a máquina (veículo). O medo é bom, nos faz termos os cuidados necessários, mas quando o medo é demais pode ser capaz de bloquear o nosso desenvolvimento e assim fazer entrarmos em pânico na hora de uma situação de perigo no trânsito fazendo com que se perca o domínio e isso muitas vezes significa viver ou morrer. Mas a vantagem que temos é que ninguém nasce sabendo e todos somos capazes de aprender a dirigir e o segredo é treinar muito para dominar a máquina e ter muita paciência.

Saber dirigir é muito importante, pois vai facilitar a vida da mulher e das pessoas de seu convívio. Queira dirigir, “seja fominha de volante”, talvez esse seja um dos segredinhos dos meninos que normalmente achamos que já nascem sabendo. Nos tempos antigos com certeza a mulher ficava em segundo plano para aprender a dirigir, mas hoje isso é algo de extrema necessidade, muitos tabus estão se quebrando e esse medo das mulheres na direção já vem desde muito tempo é algo histórico-cultural que nós era colocado na cabeça e ainda é se deixarmos levar por isso.

Mas dirigir pode e deve ser para qualquer mulher, desde que ela queira aprender e se aperfeiçoar para isso. Aprender a dirigir é como aprender a escrever, no começo você não vai dominar totalmente mas à medida que vai treinando tudo vai se aperfeiçoando e se tornando um automatismo; e na direção é assim.

Normalmente muitas pessoas aprendem a dirigir na autoescola que é o correto, mas essas aulas não são suficientes para que o condutor(a) saia dirigindo sem medo. É comum os meninos já irem para a autoescola sabendo, o que facilita para eles dirigir com mais segurança e sem medo. O ideal depois de tirar sua carteira é procurar um profissional especializado para te instruir com seu carro e também passar alguns macetes e dicas de segurança nos percursos que realizará em sua rotina diária. Isso aumenta muito a auto confiança e contribuir para engrenar na direção certa.

Por muitas vezes o que pode impedir uma pessoa de dirigir seu veículo é o medo, insegurança e outras coisas mais. Com isso fica totalmente inviável ter uma carteira de habilitação e não conseguir utiliza-la. É ai que o treinamento para habilitados entra. Esse treinamento capacita os habilitados a estarem mais flexíveis quanto ao veículo que irão dirigir. Muitas vezes o medo de dirigir pode ser dado pela falta de prática, então é recomendado para essas pessoas que façam esse treinamento que é acompanhado de uma assistência muito importante, de profissionais capacitados pelo Detran para que no final o habilitado possa se sentir seguro ao dirigir, superando assim as diversidades.

Treinamento para habilitados pode ser feito uma empresa especializada com vários instrutores treinados e psicólogos ou até mesmo uma empresa individual com instrutor autônomo também treinado e especializado para esse fim objetiva “treinar habilitados” e conseqüentemente fazer com que se percam os medos, inseguranças ou falta de prática.

Em um mundo onde cada dia mais a mulher ganha espaço e liberdade a direção veicular se torna não só necessidade como também indispensável. Seja para o trabalho, o cuidado com a família, lazer, passeio, viagem ou ir ao salão de beleza... Dirigir nos torna independentes. Com o treinamento para habilitados pode se encontrar uma forma de aprendizagem muito mais simples e focada no seu desenvolvimento pessoal e técnico através do método exclusivo e com profissionais capacitados. Normalmente o instrutor capacitado é especializado para orientar; ele irá fazer uma avaliação do seu perfil para posteriormente fazer um planejamento estratégico para o seu aprendizado e desenvolvimento.

Muito importante que se tenha um certo grau de afinidade com esse profissional, para ter um melhor desenvolvimento. Caso não consiga com esse deve-se tentar com outro, mas não deve se desistir até conseguir.

4. METODOLOGIA

O estudo foi caracterizado como qualitativo, pois foram privilegiadas as respostas livres das participantes. Para desenvolver a pesquisa foram feitas pesquisas bibliográficas e elaborado um questionário com perguntas abertas, que foi aplicado para mulheres que têm ou tiveram algum tipo de aversão ao ato de dirigir, demonstrando pânico, medo ou fobia.

Para traçar o perfil do público alvo envolvido nesta pesquisa e caracterizar a percepção e medos relacionados à condução de veículos foram elaboradas perguntas de dados demográficos e um questionário composto por 10 perguntas. As questões estão relacionadas a caracterizar as respostas das participantes

quanto idade, escolaridade, motivação para ter a habilitação, maior dificuldade em aprender a dirigir, possíveis bloqueios e o apoio da família.

As mulheres participantes desta pesquisa e que responderam o questionário são ou foram alunas da pós-graduanda autora deste TCC, Sandra Bottega, que tem uma pequena empresa para auxiliar pessoas que apresentam fobia no trânsito, apresentando um trabalho diferenciado com foco na autoestima das alunas. Não foi definida uma amostra para escolher as participantes, pois foram escolhidas por acessibilidade, conforme a disponibilidade de responder ao instrumento de pesquisa.

O objetivo desse questionário, com perguntas abertas foi o de identificar quais seriam as possíveis causas da mulher querer dirigir e as dificuldades enfrentadas. Foram, então, enviados, via e-mail, os roteiros com as perguntas para 39 mulheres.

Os dados foram analisados por meio da elaboração de matrizes com a reunião de respostas similares apresentadas pelas participantes. Isso permitiu a identificação de categorias de análise que foram analisadas com base na revisão da literatura.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos questionamentos abaixo, foram discutidos alguns resultados apresentados pelas entrevistadas. O questionário foi composto por dez perguntas que inicialmente contém os dados demográficos e depois abordam questões específicas sobre condução no trânsito e suas dificuldades:

- 1) Nome completo, idade e escolaridade?
- 2) Estado civil?
- 3) Qual o motivo de ter habilitação?
- 4) Sofreu algum preconceito no trânsito?
- 5) Qual a maior dificuldade em aprender a dirigir?

- 6) Antes de ter habilitação você já sabia dirigir?
- 7) Você não dirigiu frequentemente por qual motivo?
- 8) O que você achou do método utilizado nas aulas particulares de direção?

As características das participantes quanto ao gênero, estado civil e maternidade demonstram que são 39 mulheres, 27 são casadas e 32 mulheres têm filhos, e dessas, a maioria já possuía habilitação e não dirigia; a idade varia de 30 a 70 anos.

As entrevistadas afirmaram que o motivo de ter a habilitação seria o reconhecimento social, ou seja, seriam mais valorizadas, demonstrariam independência e se afirmariam mais perante a presença masculina. É como se fosse uma forma de provar a capacidade de ir além e romper com os estereótipo da mulher fragilizada, corroborando com a ideia de Bellina (2009) que diz que “essas mulheres foram de encontro aos preconceitos, enfrentando-os.

Entre elas, 24 mulheres disseram que não dirigiam porque se sentiram inseguras e o primeiro motivo foi do medo de errarem e serem julgadas pelo simples fato de serem mulheres. O segundo aspecto mais citado foi pela violência no trânsito, a falta de paciência perante um semáforo, esperar um pedestre atravessar a faixa.

De acordo com Veloso (2010) observamos uma desigualdade entre os gêneros, pois as atribuições para homens e mulheres são construídas socialmente de forma diferenciada. Esta construção é resultado de um aprendizado, cujo início ocorre ainda na infância, denominado por Laraia (2004) de “endoculturação”. Isto significa que “um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada”. Possivelmente as inseguranças e os julgamentos a que essas mulheres identificam estão associadas a socialização da mulher como dependente da aprovação do “outro”, do gênero masculino.

As demais citaram que ficavam muito nervosas e sempre foram inseguras com tudo, outras já disseram que o pânico atrapalhava na concentração quando tinham que memorizar as técnicas de aprendizagem. Este último pode estar associado tanto à insegurança, já referida, quanto a necessidade de maior preparação.

Porém, 36 mulheres afirmaram que há muito preconceito ainda com relação da mulher estar ao volante. A pesquisa também apontou que os maridos, de acordo com o relato das mulheres, a incentivavam a aprender, porém nenhum se propôs a ensinar, afirmando que eram muito “lentas” para aprender. Isso afeta desde a percepção da mulher sobre si mesma, refletida no sentimento de insegurança e impotência, até suas relações com o meio social, fragilizadas em decorrência da situação de isolamento, expressas pela falta de apoio de pessoas às quais possa recorrer.

As mulheres que ingressam em atividades consideradas masculinas assimilam os estereótipos daquele grupo. Assim, cabe às mulheres uma luta permanente pelo reconhecimento de suas qualidades e competências, enquanto indivíduos, e não como representantes de um grupo. (VELOSO, p. 17, 2010)

Afirmaram também que não dirigiam frequentemente porque o medo gerava um bloqueio enorme, assim, essas mulheres procuraram ajuda especializada para romper com medos, pânicos e aprender efetivamente a dirigir. Elas fizeram parte da retomada da aprendizagem como condutoras na empresa PRATICAR, citada no capítulo anterior. Todas que participaram conseguiram enfrentar as barreiras citadas e voltaram à direção no trânsito. Afirmaram que a profissional, além de explicar as técnicas de direção com mais desenvoltura também é mais calma e entende “a cabeça das mulheres”, colocando-as em situação de risco, mas ensinando exatamente como proceder; e nas autoescolas isso não ocorria. Destaca-se que dessas mulheres, as que estavam dispostas a realmente admitir o medo e que precisavam de ajuda, conseguiram vencer, e outras que nem tanto, ainda não perderam totalmente seu medo. Possivelmente muitas vezes estas mulheres não têm apoio em casa para poder investir num profissional que possa ajudá-las e acabam parando no meio do caminho o seu treinamento, que tem um custo. As pessoas de casa, muitas vezes o marido, acham que é um dinheiro que não precisa ser gasto com isso e elas acabam por não dar a continuidade necessária. E, como dito anteriormente, todas as que se dedicaram e investiram estão dirigindo e muitas até já fazendo viagens longas que antes tinham pavor até de andar na sua rua. Sobre o método utilizado nas aulas particulares de direção, todas afirmaram que sentiram mais confiança em si mesma, pois a professora afirmava

constantemente que todas eram capazes de superar seus medos e fraquezas, bastava concentrar-se no propósito almejado. As entrevistadas foram pontuais ao relatar que a autoestima foi essencial; em cada aula a instrutora afirmava que todas apresentavam condições para aprender e isso, a cada aula, criava nas alunas um incentivo para romper com os preconceitos sofridos.

Quanto as situações e manifestações de medo ao dirigir, noventa por cento das mulheres que responderam o questionário afirmaram que nas vezes que tentaram dirigir sentiram calafrios, suor em excesso, além de pânico. Isso as fez desistir de querer aprender, enfocando ainda mais a fala tão conhecida de impossibilidade e de que dirigir não é papel de mulher. Outro ponto levantado no questionário foi a família não apoiar a decisão de querer aprender a conduzir, visto que essa família vem de uma cultura baseada nos moldes tradicionais, no qual o mulher era vista como a “senhora do lar”. Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto, seria um perigo para o lar” (CRAVO, 1973, p. 11).

“Passou o tempo que a mulher era apenas responsável pela educação dos filhos, pela casa organizada e a janta feita para quando o marido chegasse” (fala de uma das mulheres que participaram da pesquisa). Segundo Saffioty (1987), nas classes dominantes, a delegação desta função não carece da legitimação da necessidade de trabalhar, porém, mesmo nesta condição, a mulher não está isenta da responsabilidade de orientar os filhos e supervisionar o trabalho doméstico. Assim, tais papéis vão se inscrevendo na “natureza feminina”. Deste modo, o labor profissional, realizado em concomitância com o doméstico, impõe às mulheres uma dupla e injusta jornada de trabalho.

Hoje em dia é nítido que as mulheres querem e precisam de mais espaço social, ou seja, o medo incutido socialmente está sendo rompido por desejos bem maiores do que o da “dona de casa”. Boa parte das mulheres se sente tão responsáveis quanto os homens no sustento da família, e assim como eles, estão impondo suas vontades.

Nessa visão as mulheres terão possibilidades e potencialidades e estarão envoltas em desafios, em conflitos, e poderão aprender a lidar com os dilemas em conjunto. Não há uma fórmula para se desenvolver uma excelente motorista, porém o desenvolvimento da autoestima é primordial e deve ser pautado no

contato, no toque, na troca de experiências e no respeito ao próximo. Corroborando com isso

Percebeu-se, através das repostas obtidas, que o papel social da mulher foi modificado e, por isso, a “coragem” em romper com padrões masculinizados e pré-estabelecidos vai se manifestando. O desenvolvimento social permitiu que a mulher se colocasse com uma postura igualitária ao homem, podendo, dessa forma, romper com ações inferiorizadas e de baixa autoestima.

6. CONCLUSÃO

A partir das intensas leituras feitas sobre o que levava as mulheres a apresentarem medo no ato de dirigir pude levantar algumas possibilidades, como o preconceito no trânsito. Apesar de toda modernização social e liberação da ação feminina nas mais variadas posições sociais, essa ainda é vítima de opiniões superficiais e frases feitas e impostas pela sociedade que atestavam estereótipos de gênero.

A função social da mulher está carregada de um cunho histórico enraizada em uma corrente que sempre foi machista. O homem aparece como o centro do desenvolvimento da sociedade, enquanto as ações femininas ficaram pautadas em situações vistas como necessárias, mas porém simplórias, acessórias, periféricas.

Com as transformações sociais a mulher sentiu a necessidade de se inserir no mercado de trabalho e, portanto, a independência tornou-se inevitável.

Assim, aprender a dirigir não foi visto apenas como lazer feminino, mas como uma condição de ascensão social e independência. No entanto, o psicológico interferiu neste processo; a mulher trazia consigo a postura inferiorizada e isso interferiu na aprendizagem da condução motorizada, pois todas as participantes da pesquisa afirmaram que tinham medo de errar e serem criticadas por isso.

As mulheres demonstraram medo de serem ridicularizadas, mais do que já são perante a sociedade, e isso acarretou, para a maioria delas, a fobia pela direção. Todas as que foram indagadas nesta pesquisa sobre o motivo de não conseguirem aprender a dirigir em uma autoescola disseram, predominantemente, que a pressão era muita e o aspecto psicológico as bloqueava, assim não conseguiam dominar o volante.

As participantes, em sua maioria são mulheres casadas e seus maridos não a incentivaram a aprender a conduzir um automóvel. Eles apenas não as impediram disso, no entanto, não ofereceram ajuda a mais. O machismo ainda se faz presente nessa realidade e o medo de errar também; portanto romper com isso não é simples. Também foi verificado que as mulheres a cada ano demonstram mais interesse em querer aprender a dirigir bem como a controlar suas fobias, procurando autoescolas e pessoas especializadas, que possam ajudá-las a lidar com o medo e a insegurança. Assim sendo, é crescente o número de mulheres que conseguem tirar suas habilitações e perderem o medo do trânsito.

Atuar em autoescola não é um trabalho fácil e nem é para qualquer um, pois exige muita força de vontade tanto do instrutor quanto da aluna. A primeira coisa para que uma pessoa consiga perder o medo e se superar é admitir o medo e que precisa de treinamento ou de tratamento, se for uma fobia. Em seguida, deve-se estar disposta a treinar o quanto for necessário, pois não existe uma quantidade de aulas exatas para cada aluna, isso vai depender do desempenho de cada uma, e é claro de um bom instrutor. Na prática profissional como Instrutora procuro falar as coisas certas na hora certa, elogiar o que se faz bem feito e ir corrigindo e ensinando o que não está bom ainda. Mas, a paciência é a chave do sucesso nesse processo.

Percebe-se que a autoestima é algo primordial, pois é isso que foi relatado nas respostas obtidas. As mulheres que demonstraram medo ou dificuldade de aprender a dirigir eram mulheres menosprezadas socialmente, ou seja, apontadas como incapazes de fazer qualquer ação que fuja da normalidade feminina. Quando encontraram pessoas capacitadas e que apontavam suas qualidades elas se sentiram parte do processo e conseguiram ir além: conseguiram aprender realmente, com respeito e valorização.

BIBLIOGRAFIA

BELLINA, Cecília Cristina. **Dirigir sem medo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CALÓ, Fabio Augusto. **Medo de dirigir, ansiedade ao dirigir, fobia**. 2005 Disponível em www.inpaonline.com.br . Acessado em 25/11/16

CORASSA, N. **Vença o medo de dirigir**: Como superar-se e conduzir o volante da própria vida. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Editora Gente, 2000.

CRAVO, V. L. Z. **A Influência da Mulher na Independência**. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, v. 18, p. 9-17, 1973.

ELIA, Karla Alessandra de Amorim d'. **Uma abordagem psicológica sobre o medo**. Uninorte, Laureate, Amazonas, 2013.

GARCIA, Regiane. **MEDO** – pavor sem limites. Revista Superinteressante. Ed. Abril, 2012,

GROSSI et al, Miriam Pillar. **Especilaização em G~enero e diversidade na escola**: Livro Iv, módulo IV. Tubarão: Ed. Copiart, 2015

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Especialização em gênero e diversidade na escola**: Livro III, módulo III. Tubarão; Ed. Copiart, 2015.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Poder** – In: LOURO, G. L.; Gênero, Sexualidade e Educação – Uma Perspectiva Pós-Estruturalista; Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1997. p. 37

MORAES, E. L.; **Relação Gênero e Raça na Política Pública de Qualificação Social e Profissional**. – Construindo Identidades Sociais. V. 1; Brasília: MTE. SPPE. DEQ. 2005.

PICCOLOTO, Neri M. **Tópicos especiais em Terapia Cognitivo-Comportamental**. SP: Casa do Psicólogo, 2007. Pg 141

PIOVESAN, Flávia. **Especialização em gênero e diversidade na escola**: Livro III, módulo IV. Tubarão; Ed. Copiart, 2015.

ROSS, Jerilyn. **Vencendo o medo**: um livro para pessoas com distúrbios de ansiedade, pânico e fobias. São Paulo: Ágora, 1995

SAFFIOTI, Heleieth. **Papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo**. In: Heleieth Saffioti. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8-20.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **“Mentes ansiosas”** - Medo e ansiedade além dos limites, 2011

VELOSO, Danielle Pires Marques. **Mulheres ao volante**: uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.